

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (UFRJ)
CENTRO DE CIÊNCIAS JURÍDICAS E ECONÔMICAS (CCJE)
FACULDADE DE ADMINISTRAÇÃO E CIÊNCIAS CONTÁBEIS (FACC)
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA E GESTÃO DE UNIDADE DE INFORMAÇÃO (CBG)

JULIANA TEIXEIRA BARROS

A DESTRUIÇÃO DOS LIVROS PELO NAZISMO NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

Rio de Janeiro

2021

JULIANA TEIXEIRA BARROS

**A DESTRUIÇÃO DOS LIVROS PELO NAZISMO NA SEGUNDA GUERRA
MUNDIAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação.

Orientador: Prof. Dr. Antônio José Barbosa de Oliveira

Rio de Janeiro

2021

Ficha catalográfica

B277 Barros, Juliana Teixeira
A destruição dos livros pelo Nazismo na Segunda Guerra Mundial / Juliana Teixeira Barros. – Rio de Janeiro, 2021.
46 f.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Bacharel em Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação, 2021.
Orientador: Antônio José Barbosa de Oliveira
1. Livros. 2. Censura 3. Memória. 4. Nazismo. 5. Ideologia. I. Oliveira, Antônio José Barbosa de. II. Título.

Elaborado pela autora

JULIANA TEIXEIRA BARROS

A DESTRUIÇÃO DE LIVROS PELO NAZISMO NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação.

Rio de Janeiro, 02 de junho de 2021.

Prof. Dr. Antônio José Barbosa de Oliveira – Universidade Federal do Rio de Janeiro
Orientador

Prof. Dr. Robson Santos Costa – Universidade Federal do Rio de Janeiro
Membro interno

Profa. Ma. Lucia Maria da Cruz Fidalgo – Universidade Federal do Rio de Janeiro
Membro interno

À liberdade.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer à minha família que sempre incentivou a minha busca por conhecimento, seja na escola, por meio dos livros, na universidade ou pelo autoconhecimento, por terem me dado a oportunidade de estudar e por estarem ao meu lado sempre que eu precisava. Agradeço principalmente à minha incrível mãe Joana Maron a qual frequentemente me inspiro em sua força e amor, aos meus pais Ricardo Barros e Marcos Cardia que sempre me dão apoio e que também são grandes fontes de inspiração. Ao meu amoroso avô Eloi Vicente que sempre mostrou a força, capacidade e carisma que existe dentro de mim e que me incentivou a ingressar na faculdade de Biblioteconomia, não estaria aqui se não fosse por ele.

Também gostaria de agradecer à UFRJ e a todos os professores os quais eu tive contato e que me mostraram os caminhos que eu poderia percorrer, em especial ao meu orientador Antônio José que em 2017 acolheu minha ideia de realizar esta pesquisa para a SIAC e pela imensa ajuda e orientação neste trabalho de conclusão o qual me orgulho de realizado junto a este grande mestre.

Agradeço principalmente a todas as amigas da minha turma de 2016.1 e as das turmas de 2014.1, 2015.1 e 2017.1, pessoas extremamente especiais para mim que estiveram sempre ao meu lado nesta jornada, nunca irei esquecer os nossos momentos únicos, divertidos e de muito aprendizados que tivemos ao longo desta graduação, e que sem sombra de dúvidas me ensinaram e ajudaram muito, eu amo imensamente cada um de vocês.

Agradeço aos meus amigos do terceiro ano do colégio que me acolheram e estiveram ao meu lado em todos os momentos que precisei, vocês são a minha família.

Aos meus amigos junto de minha irmã Carol que vêm me acompanhado nesses últimos dois anos, principalmente no período da pandemia, que por um tempo moraram comigo e me deram apoio tanto na pesquisa quanto na minha vida, deram apoio nas minhas escolhas e caminhos, em especial ao Bernard que me ajudou muito neste trabalho e que mostrou do que eu seria capaz.

À minha psicóloga Ana Paula que ao longo dos últimos três anos me ajudou a me tornar uma pessoa mais consciente e forte.

Agradeço imensamente ao grande sangha da Arte de Viver, pessoas de todo o Brasil que apesar de conhecer a maioria somente pela tela do Zoom, se tornaram uma família tão especial. Todos os meus amigos voluntários, instrutores e mentores que me guiaram e fortaleceram minha jornada neste caminho, cada conversa, cada reunião para ouvir conhecimento e cada dia

de encontro para realizar as práticas, cada dia de treinamento foram essenciais para mim neste longo período de pandemia e de realização de TCC.

E para que tudo isso fosse possível, devo grandes agradecimentos ao meu querido mestre espiritual Gurudev Sri Sri Ravi Shankar. Creio que nunca haverá palavras o suficiente para descrever tamanha gratidão que sinto de todo dia ter sua bênção e guia. Em meio a tantos problemas, confusões mentais, pandemia e diversas outras questões eu o conheci, e ele que a cada dia vem mostrado a força e o amor que existe dentro de mim. Todo o conhecimento que obtive através dele foi fundamental para que eu pudesse realizar este trabalho, concluir minha graduação e acima de tudo ser feliz e saber como viver da melhor maneira possível.

Por fim devo agradecimentos também a mim mesma, por não desistir, por vir enfrentando minha mente, me cuidado e me superando a cada dia mais. Por ter tomado a decisão acreditar em mim mesma e reconhecer e que eu tenho sim a força de uma bibliotecária.

“Se vocês acham que podem matar as ideias, a história não lhes ensinou nada. (...) Os tiranos muitas vezes tentaram fazer isso antes, e as ideias se ergueram com toda a força e os destruíram. (...) Vocês podem queimar meus livros e os livros das maiores mentes da Europa, mas as ideias neles contidas já se infiltraram através de milhões de canais e continuarão a estimular outras mentes.” (KELLER, 1933).

RESUMO

A destruição de livros foi um fenômeno adotado pelo regime nazista como meio de controle ideológico durante a Segunda Guerra Mundial. Em 1933 deu-se início a uma constante perseguição aos escritores e as suas obras. Era comum encontrar livros e suas cinzas acumuladas nas praças alemãs, principalmente nas cidades universitárias. O regime pretendia, desta forma, garantir o controle, não somente da informação, como também sobre a produção de uma determinada memória coletiva forjada por meio da literatura e pelos intelectuais. Este controle pressupõe a eliminação do que era considerado perigoso, impondo obras afins à ideologia nazista, pelo controle da produção discursivo-memorialística. Esta pesquisa, de caráter exploratório, se ancora metodologicamente em análise bibliográfica sobre algumas obras censuradas e/ou destruídas pelo nazismo. Tem como principais referências teóricas os conceitos de memória coletiva (HALBWACHS, 2006), memória social (POLLAK, 1992, 1989) cultura e representação (HALL, 2016), eliminação da memória (BÁEZ, 2006), ideologia (ALTHUSSER, 2007) e censura (CHARTIER, 1999).

Palavras-chave: Censura. Memória coletiva. Livros. Nazismo.

ABSTRACT

The destruction of books was a phenomenon adopted by the Nazi regime as a means of ideological control during World War II. In 1933, a constant persecution of writers and their works began. It was common to find books and their ashes accumulated in German squares, especially in university towns. The regime intended, in this way, to guarantee control, not only of information, but also of the production of a certain collective memory forged through literature and intellectuals. This control presupposes the elimination of that which was considered dangerous, imposing works that were related to Nazi ideology, through the control of discursive-memorial production. This research, of exploratory nature, is methodologically anchored on a bibliographical analysis of some works censored and/or destroyed by Nazism. Its main theoretical references are the concepts of collective memory (HALBWACHS, 2006), social memory (POLLAK, 1992, 1989) culture and representation (HALL, 2016), elimination of memory (BÁEZ, 2006), ideology (ALTHUSSER, 2007) and censorship (CHARTIER, 1999).

Keywords: Censorship. Collective memory. Books. Nazism.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 –	Hitler saúda a juventude no Congresso do Partido Nazista. Nuremberg, Alemanha, setembro de 1935.....	19
Figura 2 –	Livros e escritos considerados "não-alemães" são queimados na Opernplatz (Praça da Ópera). Berlim, Alemanha, 10 de maio de 1933.....	23
Figura 3 –	Alemães se aglomeram ao redor de um caminhão cheio de livros "não-alemães", confiscados da biblioteca do Instituto de Ciências Sexuais, para serem queimados pelos nazistas. Os livros foram queimados publicamente na Opernplatz de Berlim.....	25
Figura 4 –	Joseph Goebbels, ministro da propaganda discursando.....	26
Figura 5 –	Soldado americano inspeciona pilhas de livros nazistas, incluindo Mein Kampf, que foram encontrados em uma escola alemã.....	28
Figura 6 –	Na Opernplatz de Berlim, um homem da SA joga livros nas chamas ao queimar livros considerados “não-alemães”	30
Quadro 1 –	Relação de autores e livros que foram perseguidos pelo regime nazista.....	32

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	13
2	PROBLEMA.....	15
2.1	OBJETIVO GERAL.....	15
2.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	15
3	JUSTIFICATIVA.....	16
4	REFERÊNCIAL TEÓRICO.....	17
4.1	CONTEXTO HISTÓRICO.....	17
4.2	IDEOLOGIA.....	19
4.3	NAZISMO.....	21
4.4	MEMÓRIA.....	23
4.5	LIVRO.....	26
4.6	A CENSURA E A QUEIMA DE LIVROS.....	30
5	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	32
6	DESNVOLVIMENTO DA PESQUISA.....	32
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	41
	REFERÊNCIAS.....	43

1 INTRODUÇÃO

Desde o ensino fundamental, meu interesse por história é muito grande, principalmente por essa área do conhecimento despertar um pensamento crítico diante de situações que já aconteceram e que muitas vezes, se repetem ao longo dos anos. A importância desse pensamento crítico me foi reforçada ao ter contato com as reflexões apresentadas pelas disciplinas História do registro da informação e História memória e documento acerca da importância do livro e o que ele representa. Após ter contato com o livro História universal da destruição dos livros, de Fernando Báez, considerei importante entender e reconhecer a importância do livro na sociedade, não apenas como um objeto, mas como vínculo de memória, como aponta o autor quando menciona que “[...] esse vínculo poderoso entre livro e memória faz com que um texto deva ser visto como peça-chave do patrimônio cultural de uma sociedade e, certamente em toda a humanidade.” (BÁEZ, 2006).

Sabe-se que a destruição de livros é uma prática que foi adotada por diversos países em diversas épocas. Ao longo da história, a produção dos livros foi acompanhada da constante censura e do perigo que continha a circulação de ideias advindas da palavra impressa. Antes mesmo da invenção da prensa tipográfica por Gutenberg no século XV os manuscritos já eram cuidadosamente vigiados nos mosteiros medievais.

A história da palavra impressa também é a história do controle sobre a difusão da informação e conhecimentos que advém da palavra impressa e por extensão o livro, podem ser potencialmente transformadores, por isso a necessidade que a maioria dos regimes autoritários têm de promover a censura e o controle. A circulação de ideias sempre foi vista como potencialmente perigosa para manutenção de determinadas ordens sociais.

Sabe-se que a história de queima e censura de livros e autores é farta, portanto, este trabalho visa perceber um caso específico, a perseguição a livros e autores pelo nazismo no século XX.

O nazismo foi um grande movimento ideológico com características principalmente antissemitistas, racistas, nacionalistas e anticomunistas. Justamente diante desta ideologia antissemita, o nazismo é muito conhecido por ter promovido o holocausto, um triste evento de genocídio que matou milhões de pessoas, porém toda esta barbárie foi precedida pelo bibliocausto, que se trata da destruição de milhões de livros durante a Segunda Guerra Mundial.

Uma outra característica muito conhecida do nazismo é a ideologia nacionalista, a qual acreditava em uma identidade nacional. No caso da Alemanha nesta época, era Unificação Alemã, esta foi realizada pelo ditador Adolf Hitler que instaurou um regime totalitário no país.

O presente trabalho procurou ressaltar a importância do livro e do conhecimento que perpassa por gerações e entender o fenômeno de sua destruição, com foco no período do regime nazista na Alemanha durante a Segunda Guerra Mundial, mostrando a visão da biblioteconomia em relação à da história do livro o reconhecimento de sua importância perante a sociedade, saber da história do nosso principal objeto de trabalho e ter uma visão crítica do que vem acontecendo e do que aconteceu com ele, devemos preservar e mostrar o poder do livro.

Diante disso, faz-se a reflexão de que possa existir alguma perspectiva ideológica do nazismo que explique quais foram as características específicas dos livros que foram eliminados e entender quais são elas, procurando perceber se há uma classificação, uma tipologia dessas obras.

Para que essa reflexão fosse possível, o trabalho busca evidenciar que os livros foram peça fundamental para os embates ideológicos que conformaram a grande guerra por serem potenciais armas de ideias, além de traçar uma tipologia dos livros, autores e temas que mais sofreram as ações destrutivas do regime. A pesquisa, de caráter exploratório, se ancora metodologicamente em análise bibliográfica sobre algumas obras censuradas ou destruídas pelo nazismo.

A fundamentação teórica e foi baseada principalmente nos autores Althusser (2007), trazendo o conceito de Ideologia, Caetano (2010) traz uma análise na ideologia nazista representada no livro *Mein Kampf*, Pollack (1992) e Halbwachs (2006), conceituando memória social e coletiva, Báez (2006), Costa e Germano (2012) e Hall (2016) falam sobre o livro para além de um objeto, e Chartier (1990) em censura.

2 PROBLEMA

Existe alguma perspectiva ideológica do nazismo que possa explicar as características específicas das obras que foram destruídas e entender quais são elas, perceber se há uma classificação, uma tipologia dessas obras.

2.1 OBJETIVO GERAL

Esta pesquisa tem como objetivo refletir sobre a política implementada pelo regime nazista para censura, destruição de livros e perseguição aos autores, isto é, o controle ao acesso, a deliberada e reiterada ação de destruição de livros ao longo da história.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Possui como objetivos específicos:

- a) evidenciar que os livros foram peça fundamental para os embates ideológicos que conformaram a grande guerra: além das bombas e projéteis, os livros também foram usados como armas, numa espécie de guerras de ideias;
- b) traçar uma tipologia dos livros, autores e temas que mais sofreram as ações destrutivas do regime.

3 JUSTIFICATIVA

Ressaltar a importância do livro e do conhecimento passado de geração para geração e entender o fenômeno da queima deles. No campo da Biblioteconomia, devemos saber da história do nosso principal objeto de trabalho e ter uma visão crítica do que vem acontecendo e do que aconteceu com ele, devemos preservar e mostrar o poder do livro na sociedade.

4 REFERENCIAL TEÓRICO

O trabalho de conclusão de curso tem por premissa fundamental algum tipo de inquietação ou mesmo uma indignação por parte do pesquisador e suas percepções morais, normalmente orientando os paradigmas para a atividade acadêmica. A partir do sopesamento do fato com a inquietação moral do pesquisador que surge o próprio tema a ser analisado em conjunto com as técnicas de metodologia de pesquisa (GUSTIN, 2006).

Dentre os diversos procedimentos, é essencial a fixação do referencial teórico, isto é, “[...] a concepção que fundamenta uma ou toda obra de determinado autor.” (GUSTIN, 2006, p. 37). Com isso, adotou-se como referencial teórico no presente trabalho a obra de Báez que desenvolveu o fenômeno da destruição de livros ao longo dos séculos e diversas civilizações e reconheceu o livro como um patrimônio de ideias e memória. Destaca-se também do seu trabalho o reconhecimento da prática adotada com diferentes objetivos, mas que muitos deles eram feitos por figuras ditatoriais para promover esquecimento de memória e construir um novo paradigma social. Dentre as inúmeras passagens, a referência mais inquietante para este trabalho é a seguinte:

Um livro é destruído com a intenção de aniquilar a memória que encerra, isto é, o patrimônio de ideias de uma cultura inteira. Faz-se a destruição contra tudo o que se considera ameaça direta ou indireta a um valor considerado superior. O livro não é destruído por ser odiado como objeto (BÁEZ, 2006).

Com isso, estrutura-se o referencial teórico que fundamenta e respalda toda a argumentação deste trabalho e que inaugura os objetivos gerais e específicos relacionados com o livro, a memória, a censura e a ideologia, que serão aprofundados a seguir.

4.1 CONTEXTO HISTÓRICO

Para entender melhor o contexto histórico da segunda guerra mundial, serão explorados nesta introdução aos capítulos, alguns acontecimentos que explicam como que o controle e a ideologia nazista tomaram poder na Alemanha neste período.

A Segunda Guerra Mundial teve como antecedente o famoso Tratado de Versalhes, estabelecido em 1919 no final da Primeira Guerra pela Tríplice Entente, formada pela Grã-Bretanha, França e Rússia. Segundo este tratado, a Alemanha deveria assumir responsabilidade pela guerra, perder parte de seu território, ser ocupada militarmente, pagar uma grande

indenização e reduzir seu exército. Por consequência, deu-se início a uma grande crise econômica, política e social que causou a quebra do país, gerando um sentimento de revolta na população. Segundo Hobsbawn (1995, p. 130):

As condições ideais para o triunfo da ultradireita alucinada eram um Estado velho, com seus mecanismos dirigentes não mais funcionando; uma massa de cidadãos desencantados, desorientados e descontentes, não mais sabendo a quem ser leais; fortes movimentos socialistas ameaçando ou parecendo ameaçar com a revolução social, mas não de fato em posição de realizá-la; e uma inclinação do ressentimento nacionalista contra os tratados de paz de 1918-1920.

Hitler, por sua vez, se interessava pela união dos povos germânicos no Grande Reich. Ele, que apesar de ter nacionalidade Austríaca, havia sido soldado do exército alemão na Primeira Guerra, ao saber sobre as consequências do Tratado de Versalhes, passou a disseminar o seu discurso nacionalista que cativava as pessoas ao seu redor por ter uma boa oratória.

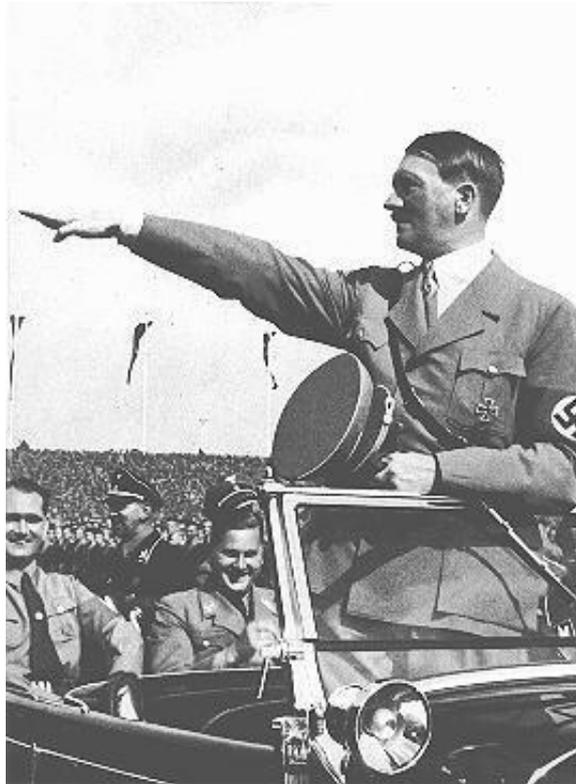
Filiou-se ao seu primeiro partido, o Partido Alemão dos Trabalhadores, o *Deutsche Arbeiterpartei* (DAP). Quando Hitler tornou-se líder do partido, o renomeou Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães, o *Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei* (NSDAP), o Partido Nazista, que tinha como símbolo a famosa e temida bandeira constituída por uma suástica e as cores da bandeira do Império, foi escolhida pelo próprio Hitler, que explicou em seu livro *Mein Kampf* os motivos desta escolha: “Após inúmeras tentativas, escolhi uma bandeira vermelha para refletir a dimensão social do partido com um círculo branco representando nosso patriotismo, e a suástica, símbolo da raça ariana os eternos antissemitas.” (HITLER, 1983). Conforme narra Caetano (2000, p. 3):

Nas eleições de 1932, Adolf Hitler concorre à presidência, mas é derrotado. No entanto, em virtude de pressões dos setores militar e empresarial, temerosos da vitória comunista, o presidente Hindenburg nomeia Hitler Chanceler alemão em 1933. Assim é que, por meio de um decreto-lei, o chefe nazista obtém plenos poderes. Passa a gozar do título de Führer no ano seguinte com a morte do então presidente. Sob acusação de obra dos comunistas, os nazistas providenciam um incêndio do Parlamento (Reichstag). O Partido Comunista é declarado ilegal e inicia-se a nazificação da Alemanha. Tudo é controlado pelo Estado e o unipartidaríssimo se impõe. A indústria bélica e o militarismo amenizam o problema do desemprego. É criada uma política expansionista para o que Hitler denominava “espaço vital” e contra as “amarras do Tratado de Versalhes”.

“O Partido Nazista emergiu do caos estabelecido entre os anos 20 e os anos 30, como o grupo capaz de restabelecer a ordem e a estabilidade. Seu programa político teve um forte apelo aos alemães, que sofriam com a crise do país.” (BRASIL, 2016, p. 23). Desta forma, deu-se início na Alemanha um regime ditatorial, junto de uma liderança marcada por atitudes

opressivas em todas as esferas sociais, surgindo a ideologia nazista (OLIVEIRA; SILVA; CASTRO, 2018).

Figura 1 – Hitler saúda a juventude no Congresso do Partido Nazista. Nuremberg, Alemanha, setembro de 1935.



Fonte: United States Holocaust Museum (2013).

4.2 IDEOLOGIA

Segundo Chauí (2001) ideologia é um conjunto de ideias, pensamentos, doutrinas e visões de mundo de um indivíduo ou de um grupo, orientado para suas ações sociais e, principalmente, políticas.

A discussão de ideologia vem tangenciando outras questões como também representação e memória. Vindo numa herança do Marxismo, o autor Althusser (2007) resgata a metáfora do edifício, que mostra como funciona a estrutura social. Temos o conceito, o nível da infraestrutura (base do edifício), que é todo o aparato que está no lugar da produção, base econômica, quem produz, e o nível da superestrutura (parte superior do edifício), instância da sociedade que não produz, é uma instância que está mais no sentido das relações que se estabelecem a partir da produção. No âmbito da universidade, por exemplo, não estamos na infraestrutura, e sim na superestrutura.

Nesse contexto, cabem às instituições que operam na superestrutura criar mecanismos ideológicos que legitimem, ou se contraponham às formas de produção que caracterizam a infraestrutura, estas são escolas, universidades, famílias, igrejas, por exemplo. Se na superestrutura o que define, por exemplo, são as condições materiais de produção industrial, essa base vai criar, dada a infraestrutura, no âmbito da superestrutura uma série de instituições como por exemplo faculdades, escolas, que vão formar profissionais para alimentar essa forma de produção na infraestrutura.

A forma de comportamento das fábricas, essa linha da hierarquia vai gerar e vai ser alimentada também, isto é, para que haja um operário trabalhando deve-se ter um aparato de escola, uma forma de organização familiar, valores, um aparato ideológico que vai, de certa forma legitimar e retroalimentar essa infraestrutura.

Ainda no contexto de ideologia baseado no livro de Althusser (2007), o autor diz que temos nessa dimensão de entendimento de fenômeno político os aparelhos repressores de Estado e os aparelhos ideológicos de Estado, os aparelhos repressores são aqueles que o estado domina, exerce a força sobre a sociedade pela imposição. Temos como exemplo polícia, exército, forças armadas. E há uma outra dimensão, a da dominação, que é o que ele chama de aparelhos ideológicos de estado, que exercem um domínio mais sutil, uma força que não são tão visíveis e tão impositivos quanto os aparelhos repressores.

O mecanismo de funcionamento dos aparelhos ideológicos, vêm justamente pelos valores, pela moral, pela ideologia, e eles vão sendo sempre passados, reiterados por instituições como igrejas, família, escola, universidade, dentre outras. E essas instituições se valem por uma série de elementos para transmitir esses valores que são ideológicos, dentre eles, os livros que estão em nossas estantes e nas bibliotecas públicas. Não podemos, por exemplo, pensar numa biblioteca pública sem pensar numa dimensão de concepção ideológica de uma sociedade.

[...] devemos dizer que, em si mesmos, os Aparelhos Ideológicos de Estado funcionam de um modo massivamente prevalente pela ideologia, embora funcionando secundariamente pela repressão, mesmo que no limite, mas apenas no limite, esta seja bastante atenuada, dissimulada ou até simbólica. (Não há aparelho puramente ideológico). Assim a escola e as Igrejas 'educam' por métodos apropriados de sanções, de exclusões, de seleção etc., não só os seus oficiantes, mas as suas ovelhas. Assim a Família... Assim o Aparelho IE cultural (a censura, para só mencionar esta), etc. (ALTHUSSER, 2007, p. 47)

No contexto da ideologia nazista, Oliveira, Silva e Castro (2018), completam o conceito dizendo que:

Para que suas ideias fossem alcançadas, era relevante falar com as diferentes camadas sociais, através dos diversos meios de comunicação, o que significaria tornar a propaganda popular e isso alcançaria assim, o objetivo da propaganda ideológica que, conforme Garcia (1982, p. 78 apud OLIVEIRA; SILVA; CASATRO, 2018), ‘[...] permite disseminar, para toda sociedade, de forma persuasiva, as ideias de um determinado grupo. A ideologia, dessa forma, se espalha e impregna todas as camadas da sociedade’.

4.3 NAZISMO

Segundo Caetano (2010), o nazismo é uma experiência singular, isto é, um movimento que possui fundamentos originais, “Ora, o nacional-socialismo caracteriza-se pelo nacionalismo extremado, autoritarismo, racismo, antissemitismo, belicismo, anticomunismo, antiliberalismo, antiparlamentarismo e antiindividualismo.” (CAETANO, 2010, p. 4).

Segundo EIBS (2018), “O nazismo foi um governo autoritário, doutrinador e um dos casos mais conhecidos de ditadura no qual um regime fascista tomou conta de um país.”. O fascismo pode ser caracterizado como “[...]uma ideologia política [...], cuja crença central é a de que o indivíduo deve ser subjugado às necessidades do Estado, que, por sua vez deveria ser dirigido por um líder forte que personificasse a vontade da nação.” (WRIGHT; LAW, 2016).

As principais características do nazismo surgiram a partir das ideias de Hitler quando esteve na prisão, foram elas registradas em seu livro *Mein Kampf* (Minha Luta). Por ser um orador carismático, com suas frases e gestos peculiares, Hitler se utilizou à exaustão do rádio e do cinema para difundir seus pensamentos, que começavam a ser aceitos pela maioria da população. Ele se utilizou da propaganda em massa como uma arma poderosa para ser visto como o líder que a Alemanha esperava e o guia para um futuro promissor para o país.

O nazismo é marcado pelo antissemitismo, o ódio à cultura judaica. Tal prática é registrada no livro de Hitler, como pode-se perceber no seguinte trecho “Judeus procuram inocular, no espírito do povo, ideias perigosas, aliás, mortalmente perigosas [...] que com judeus não se pode compactuar.” (HITLER, 1983, p. 62).

Apesar do conhecido antissemitismo nazista, não era apenas a cultura judaica o foco de destruição, censura e eliminação, mas também muitas pessoas cujos ideais fossem contra aquilo que era propagado pela ideologia nazista, como por exemplo o comunismo.

O antissemitismo, uma das suas principais bandeiras, começava a se difundir na população. Acreditando que os judeus eram culpados por vários problemas que a Alemanha enfrentava, especialmente os econômicos, o ódio aos judeus passou a ser um sentimento compartilhado pelo povo alemão.

A doutrina judaica é, em primeiro lugar, um guia para aconselhar a conservação da pureza do sangue, assim como o regulamento das relações dos judeus entre si, mas ainda com os não judeus, isto é, com o resto do mundo. Não se trata de problemas morais, e sim de questões econômicas muito elementares (HITLER, 1983; p. 198).

Esta convicção culminou com um dos acontecimentos mais tristes da história, o Holocausto, que exterminou milhões de pessoas nos campos de concentração, condenadas pelas suas origens.

Na visão de Hitler, a implantação da hegemonia racial que ele acreditava a partir da sua crença eugenista do homem branco superior a todas as outras raças, não deveria se restringir ao território alemão. Seria necessário invadir outros países e construir um império mundial. Hitler entendia esse desejo como uma missão do “povo germânico superior” de dominar todos os outros povos. Esta visão ufanista conquistou a população alemã, resultando num apoio em massa para que Hitler levasse a Alemanha à Segunda Guerra Mundial.

A ideologia calcada na ideia de superioridade racial pressupõe, dessarte, que o indivíduo de sangue ariano se dilua no “corpo” social. Era a melhor forma de se alcançar a eficiência desejada pelo Partido. A propaganda nazista se encarregou, através de fotos, publicações, desfiles e marchas, de criar e manter o mito do “Líder”, da “Nação”, da “Vitória”, do “Partido”, proporcionando um alimento mental à massa desacreditada (CAETANO, 2010, p. 8).

É prática de regimes ditatoriais trabalhar para que haja um pensamento hegemônico em torno de um só ideal, para que seja eliminado o contraditório, o pensamento alternativo, enfim, qualquer coisa que possa desviar a população da “verdade” única. Dentro desse pensamento, os livros, que trazem uma diversidade de temas, opiniões, e ensinamentos, passam a ser vistos como potenciais inimigos que podem desviar a população da ideologia vigente.

Assim, “guardiães da ordem”, de todos os tempos agem na busca de seus suspeitos com tanta convicção porque certamente acreditam – e de fato pode ser possível – que as ideias contidas nas palavras perpetuadas e propagadas pela escrita podem fazer toda a diferença: contribuir para se pensar diferente, aglomerar opiniões, reavivar a memória, promover a ação individual e coletiva, fazer a política, contrariar interesses dos dominantes (COSTA; GERMANO, 2012, p. 157).

Figura 2 – Livros e escritos considerados “não-alemães” são queimados na Opernplatz (Praça da Ópera). Berlim, Alemanha, 10 de maio de 1933.



Fonte: United States Holocaust Museum (2011).

4.4 MEMÓRIA

Entendendo que o livro enquanto produção cultural é produto e ao mesmo tempo produtor de memórias que são socialmente compartilhadas, essa pesquisa se vale do conceito de memória coletiva proposto por Halbwachs (2006) e memória social por Pollak (1989, 1992). Na perspectiva fundada por Halbwachs (2006), a memória, embora seja uma faculdade do ser humano, tem mecanismos de produção e de significação que são socialmente condicionados. O próprio autor foi assassinado pelos nazistas.

Existem formas de representações que funcionam por uma memória coletiva a partir daquilo que portamos. Ela é sociológica e psicológica, e constitui a cultura e o senso comum dos indivíduos membros de uma sociedade.

Já Pollak nos traz reflexões sobre as estreitas relações entre os conceitos de memória social e identidades, bem como aos mecanismos de interdição e silenciamento que são subjacentes aos eventos mnemônicos. Os acontecimentos geram uma memória que causa impacto para gerações futuras, ela é essencial para a construção da identidade a partir da história. Pollak explica esse fenômeno no seguinte trecho:

É perfeitamente possível que, por meio da socialização política, ou da socialização histórica, ocorra um fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado, tão forte que podemos falar de uma memória quase herdada, de fato, podem existir acontecimentos regionais que traumatizaram tanto, marcaram tanto uma região ou um grupo, que sua memória pode ser transmitida ao longo dos séculos com altíssimo grau de identificação (POLLAK, 1992, p. 201).

Esquecer acontecimentos, perder uma memória pode remeter a práticas semelhantes, isto é, acontecimentos podem se repetir. Por exemplo, já que estamos tratando de Segunda Guerra, se a população que foi perseguida e assassinada durante o holocausto nazista não tivesse a memória que surgiu deste mesmo acontecimento, a história poderia se repetir. A identificação valoriza e fortalece os ideais de uma sociedade.

Pode-se perceber que o objetivo por trás da destruição de uma memória é promover um esquecimento, uma “repaginação” da identidade de um determinado grupo social. Em consequência disso, surge espaço para uma nova era, ou um novo sistema. No caso do nazismo, existia além de um controle político, um controle ideológico em que os ideais nazistas eram considerados superiores, e a eliminação de uma identidade social causava uma certa vulnerabilidade, logo os ideais nazistas lhes eram impostos.

É possível identificar que as ideias e as palavras têm preocupado os poderes despóticos na história. Afinal, o uso da palavra e da memória, constitui uma das mais eficazes formas de resistência ao poder arbitrário, uma vez que a palavra impulsiona a ação no mundo. O mesmo pode-se dizer sobre a memória, pois ela é feita de palavras. Não a “memória distorcida”, como diria Chauí, mas a memória que nos permite lembrar o valor da liberdade (COSTA; GERMANO, 2012, p. 157).

Figura 3 – Alemães se aglomeram ao redor de um caminhão cheio de livros “não-alemães”, confiscados da biblioteca do Instituto de Ciências Sexuais, para serem queimados pelos nazistas. Os livros foram queimados publicamente na Opernplatz de Berlim.

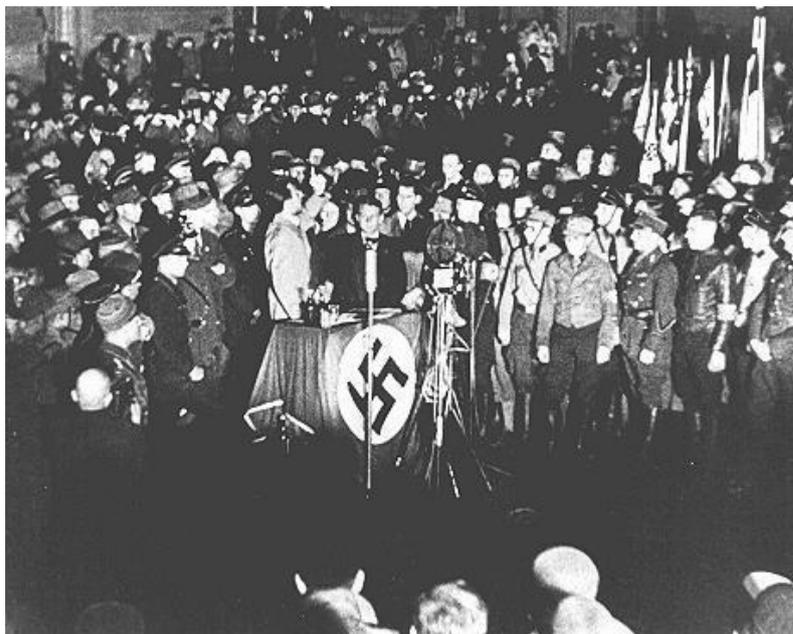


Fonte: United States Holocaust Museum (2017).

No dia 10 de maio de 1933, durante a grande queima de livros, Joseph Goebbels, designado por Hitler para o Ministério do Reich para a Educação do Povo e para a Propaganda, declarou que o “[...] ‘intelectualismo judeu’ estava ‘morto’ e que o ‘nacional-socialismo’ tinha ‘desbastado o caminho’.” (MANNING, 2015, p.17). Goebbels continuou:

A alma do povo alemão pode voltar a se expressar. Essas chamas não só iluminam o ponto final de uma velha era, mas também iluminam uma nova. Nunca os jovens tiveram tal direito de limpar os escombros do passado. Se os velhos não entendem o que está acontecendo, deixem que eles compreendam que nós, os jovens, avançamos e fizemos acontecer. O velho arde em chamas; o novo será moldado a partir das chamas de nossos corações (MANNING, 2015, p.17-18).

Figura 4 – Joseph Goebbels, ministro da propaganda discursando.



Fonte: United States Holocaust Museum (2014).

4.5 LIVRO

Um livro, como qualquer outra coisa, além da sua dimensão material, também tem uma dimensão simbólica. Nesse sentido, no ato de destruir, queima-se aquilo que aqueles livros representam.

Nesta perspectiva, há também que se considerar as relações inerentes entre o livro, com a cultura e formas de representações específicas de cada tempo histórico e de cada sociedade. (HALL, 2016). Stuart Hall (2016) afirma que “Acima de tudo, os significados culturais não estão somente na nossa cabeça – eles organizam e regulam práticas sociais, influenciam nossa conduta e conseqüentemente geram efeitos reais e práticos.”. Neste sentido, indivíduos de uma determinada cultura acabam por interpretar o mundo de uma forma similar por compartilharem conjuntos de conceitos, ideias, imagens que os permitem refletir e sentir, tendo assim os mesmos “códigos culturais” (HALL, 2016). “Deste modo, pensar e sentir são em si mesmos ‘sistemas de representação’, nos quais nossos conceitos, imagens e emoções ‘dão sentido a’ ou representam – em nossa vida mental – objetos que estão, ou podem estar ‘lá fora’ no mundo.” (HALL, 2016). Para, Costa e Germano (2012, p. 157):

[...] o uso da palavra escrita, o discurso, a linguagem estão inseridos num campo de batalha ao nível do simbólico, daí as disputas inerentes as relações de poder. Desse modo, o poder das ideias pode estar a serviço de vários senhores. Elas podem tanto se posicionar em defesa dos ideais de igualdade, da justiça social, da valorização da democracia e da liberdade, como ao seu contrário, a privação da liberdade, da

desigualdade, do poder arbitrário. O discurso, inequivocamente, tem consequências práticas.

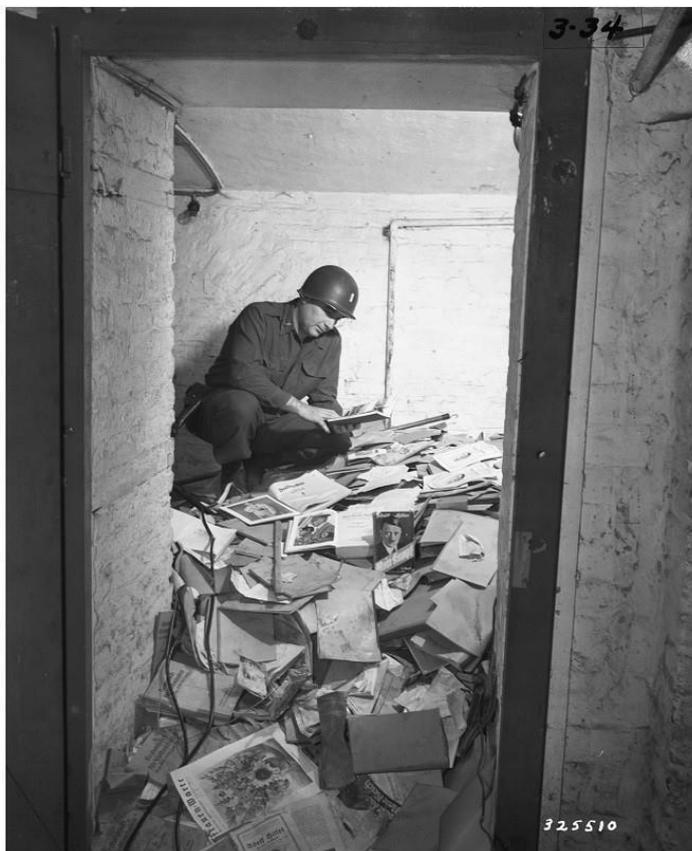
Neste contexto, é possível concordar com Báez (2006) quando ele considera a importância do livro na sociedade, não apenas como um objeto, mas como vínculo de memória que o torna peça-chave do patrimônio cultural de uma sociedade. O ato de destruir um livro propõe uma aniquilação da memória proveniente de um patrimônio de ideias de toda uma determinada cultura com o objetivo de eliminar o que é considerado uma ameaça direta ou mesmo indireta a um ideal visto como superior. O que afirma que um livro não é necessariamente destruído apenas por ser um objeto, mas sim por representar os valores de uma cultura (BÁEZ, 2006).

Por conseguinte, John Milton (1644), em seu discurso sobre a liberdade de expressão, o *Areopagítica*, afirma que “Os livros não são coisas mortas, pois contêm em si uma potência vital capaz de torná-los tão ativos quanto os espíritos dos seus progenitores. Mais do que isso: preservam, como numa ampola, a mais pura eficácia e essência daquele intelecto vivo que os gerou.”.

Manguel (1997) porém, afirma que o leitor nem sempre acaba utilizando seus poderes de maneira positiva, “O mesmo ato que pode dar vida ao texto, extrair suas revelações, multiplicar seus significados, espelhar nele o passado, o presente e as possibilidades do futuro pode também destruir ou tentar destruir a página viva.” (MANGUEL, 1997, p. 322-323).

O partido nazista, tendo plena consciência da importância do livro, não só o queimou como usufruiu de seu poder ideológico. Em 1935, o livro escrito por Hitler quando estava preso, o *Mein Kampf* (Minha luta) tornou-se leitura imposta pelo Estado (MANNING, 2015).

Figura 5 – Soldado americano inspeciona pilhas de livros nazistas, incluindo Mein Kampf, que foram encontrados em uma escola alemã.



Fonte: United States Holocaust Museum (2015).

“A leitura, além de ser um processo irreversível, implica em atribuição de sentido, circulação de ideias que, através do uso da linguagem e da palavra, supera o texto escrito e a intenção do autor.” (COSTA; GERMANO, 2012, p. 148).

O ritual da queima de livros, adotado como espetáculo público pelo nazismo, foi utilizado sempre que a ideologia dominante queria reafirmar quem está no poder, o que pode e o que não pode ser de conhecimento do povo. E a utilização do fogo, elemento poderoso, temido, e de grande simbolismo ao longo da história não é sem propósito.

Helen Keller, ativista social norte-americana, escreveu uma carta aos estudantes alemães, expressando sua indignação diante da situação em que lugar do berço da prensa tipográfica de Gutenberg havia se tornado um crematório para os que tiveram origem desta invenção (MANNING, 2015). Para Manning (2015, p. 19):

Se vocês acham que podem matar as ideias, a história não lhes ensinou nada”, repreendeu ela. “Os tiranos muitas vezes tentaram fazer isso antes, e as ideias se

ergueram com toda força e os destruíram.” “Vocês podem queimar meus livros e os livros das maiores mentes da Europa, mas as ideias neles já se infiltraram através de milhões de canais e continuarão a estimular outras mentes”, afirmou ela.

Não apenas Helen Keller expressou seu sentimento de revolta na época, mas o também escritor britânico H.G. Wells, pronunciou um discurso diante da inclemência:

As queimas de livros “jamais destruíram um livro”, afirmou Wells, pois “os livros, depois de impressos, possuem uma vitalidade que supera qualquer ser humano, e continuam falando como se nada tivesse acontecido”. “Tenho a impressão”, prosseguiu ele, “de que o que está acontecendo na Alemanha é uma revolução tosca e grosseira contra o pensamento, a sensatez e os livros”. Embora admitisse que não se sentia seguro na Inglaterra, e acreditasse que os escritores poderiam um dia ser linchados ou enviados a campos de concentração por causa do perigo perceptível que seus livros representavam, ele encontrou consolo numa ideia singular. “A longo prazo”, disse Wells, “os livros vencerão, e as pessoas grosseiras serão subjugadas, e o juízo são acertará contas com toda a retórica vociferante desses insurgentes (MANNING, 2015, p.19-20).

É possível dizer que diante de todos estes acontecimentos, os nazistas sabiam do valor dos livros, não sendo necessariamente expressados diretamente através dos seus discursos, mas pelo seu comportamento repressivo, dando espaço para uma suposição de que os nazistas sabiam da importância das obras literárias, da diversidade do conhecimento para assegurar uma nação (OLIVEIRA; SILVA; CASTRO, 2018).

O ato de repressão pode ser visto “Como um dos mais comuns mecanismos de defesa do ego, consiste em afastar uma determinada coisa do consciente, mantendo-a a distância – no inconsciente- manipulando o conflito, impulsionando a competição, tendências a atos que constitui uma ameaça é imagem que fazemos de nós mesmos.” (SILVA, 2010, p. 3).

A repressão por parte dos nazistas é consequência de um sentimento de ameaça pelo conhecimento que a diversidade científica e a heterogeneidade dos escritos promovem, o que explica a preocupação no controle e na aniquilação de acervos de bibliotecas. Pode-se observar uma certa vulnerabilidade por parte do partido nazista diante do objeto livro, que por mais que pareça inofensivo pode provocar grandes mudanças (OLIVEIRA; SILVA; CASTRO, 2018).

Figura 6 - Na Opernplatz de Berlim, um homem da SA joga livros nas chamas ao queimar livros considerados “não-alemães”.



Fonte: United States Holocaust Museum (2014).

4.6 A CENSURA E A QUEIMA DE LIVROS

O fenômeno da censura abordado neste trabalho é a censura bibliográfica. Na dimensão de perseguições, o que o regime nazista faz enquanto fenômeno ideológico, quer fazer com que todos pensem a partir dos seus referenciais.

Segundo Vergueiro, o conceito de censura pode ser “[...] um esforço por parte de um governo, organização, grupo ou indivíduo de evitar que as pessoas leiam, vejam ou ouçam o que pode ser considerado como perigoso ao governo ou prejudicial à moralidade pública [...].” (VERGUEIRO, 1987, p. 22). Isto é, uma “restrição à livre expressão e à troca de informações.” (CENSURA, 1998, p. 190).

A história da censura é longínqua, sendo que na maioria das vezes está ligada a questões políticas, morais ou religiosas, principalmente em épocas marcadas por um regime ditatorial, sendo ela tratada como estratégia, ou mesmo manipulação que busca um determinado poder, poder este que o seu líder impõe o que deve ser lido e reprime o que não deve ser de acordo com suas convicções e ideias. No caso das bibliotecas, estes líderes dentro de regimes ditatoriais destroem livros e suas bibliotecas bloqueando o acesso da população à informação contida nestas obras (EIBS, 2018).

Roger Chartier, professor e especialista em História da Leitura, em seu livro *A aventura do livro*, conta a história desta invenção mostrando sua importância desde a antiguidade até os dias de hoje:

A cultura escrita é inseparável dos gestos violentos que a reprimem. Antes mesmo que fosse reconhecido o direito do autor sobre sua obra, a primeira afirmação de sua identidade esteve ligada à censura e à interdição dos textos tidos como subversivos pelas autoridades religiosas ou políticas. [...]. A fogueira em que são lançados os maus livros constitui a figura invertida da biblioteca encarregada de proteger e preservar o patrimônio textual. Dos autos-de-fé da Inquisição às obras queimadas pelos nazis, a pulsão de destruição obcecou por muito tempo os poderes opressores que, destruindo os livros e, com frequência, seus autores, pensavam erradicar para sempre suas ideias (CHARTIER, 1999, p. 23).

Os livros, o conhecimento, despertam pensamento crítico, que é oposto da submissão. Dentro de um regime totalitário os líderes não querem enfrentar uma sociedade crítica e com consciência, pois consciência leva à resistência e seu objetivo é impor a ideologia deles, no caso do nazismo isto ocorreu não apenas por meio da propaganda nazista, mas também por meio da manipulação e controle da disseminação da informação e do conhecimento, logo, livros. Ou seja, estamos falando de uma negação daquilo que é considerado contra uma determinada ideologia e a imposição de livros considerados de valor superior, verdade absoluta.

A censura é a mais forte arma que os regimes totalitários têm utilizado, desde a Antiguidade, para impedir a propagação de ideias que podem pôr em dúvida a organização do poder e seu direito sobre a sociedade. [...] o controle do pensamento vigorou no mundo antigo, grego, romano, na Idade Média, mas foi no século XX que alcançou seu maior vigor (NOVINSKY, 2002, p. 25).

Conforme Brasil (2016), os locais de criação circulação, disponibilização de livros, isto é, bibliotecas, livrarias e editoras são “[...] foco de disseminação de ideais humanistas e democráticos, com valores fortes ligados à liberdade de expressão.” (BRASIL, 2016, p. 34), e são por estes motivos que acabam sendo alvo de censura, justamente por trazerem um possível empoderamento ou ideia de insubordinação.

A bibliotecas foram um grande alvo de censura durante o regime nazista, elas foram manipuladas e reformuladas com o objetivo de garantir a soberania ideológica de Hitler. “Para assegurar a pureza da literatura alemã, era necessário queimar todos os livros e documentos ‘não alemães’ que ameaçavam o movimento nacional da unidade nazista.” (MANNING, 2015, p. 16). Diante desta situação, optaram por uma intervenção na cultura em todos os âmbitos do país.

5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Utiliza-se o método de pesquisa de cunho exploratório a partir de bibliografia que trata do tema. Foram retirados dos livros de Báez (2006) e Manning (2015) alguns nomes de autores que tiveram seus livros proibidos durante a Segunda Guerra Mundial pelos nazistas, sendo assim possível traçar uma tipologia destas obras por meio de uma tabela para mostrar e refletir sobre algumas temáticas que foram alvo de censura e destruição e assim verificar o motivo deste fenômeno.

6 DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA

No Quadro 1 estão elencados os livros e autores que foram perseguidos durante o regime nazista na Segunda Guerra Mundial arranjados por autor, obras, assunto e descrição.¹

Quadro 1 – Relação de autores e livros que foram perseguidos pelo regime nazista.

Autor	Obras	Assunto	Descrição
Ernest Hemingway	Adeus às armas	Romance durante a Guerra	Conta a história um tenente norte-americano Frederic Henry, que serviu no exército italiano durante a Primeira Guerra Mundial como condutor de ambulâncias. O romance desenvolve-se em torno da sua trágica paixão por uma enfermeira inglesa. É um romance de amor e sofrimento, de lealdade e deserção

¹ As descrições dos livros do elencados no Quadro 1 foram coletadas em consulta à sites de livrarias especializadas e na Wikipedia.

Karl Marx	A guerra civil na Espanha O capital	Política. Guerra. Heroísmo.	Escrito por Karl Marx como discurso ao Conselho Geral da Internacional, com o objetivo de disseminar entre os trabalhadores de todos os países um entendimento claro do caráter e da significância mundial da luta heroica dos participantes da Comuna de Paris (1871) e suas experiências históricas da quais devem tirar aprendizado.
Sigmund Freud	O futuro de uma ilusão	Religião como uma ilusão.	Ele descreve sua interpretação das origens da religião, seu desenvolvimento, psicanálise e futuro. Freud via a religião como um sistema de crenças falsas.
Franz Kafka	A Metamorfose O Foguista O processo		Na obra de Kafka, uma personagem é punida mesmo que nenhum crime tenha sido cometido. Kundera acredita que as inspirações de Kafka para as suas situações características vieram tanto por crescer em uma família patriarcal quanto por viver em um Estado totalitário.
H. G. Wells	A guerra dos mundos A modern utopia Russian in the shadows	Economia Russa.	Wells chamava às suas ideias políticas "socialistas", e com o seu gosto por utopias, olhou inicialmente com bastante simpatia para as tentativas de Lenin de reconstruir a destruída economia russa, como mostra o seu relato de uma visita ao país

Leon Trotsky	A revolução traída	Política.	O livro é uma crítica ampla da URSS e seus governantes, e defende uma nova revolução política para derrubar a ditadura stalinista e trazer uma democracia socialista. Ele inicia elogiando os avanços econômicos positivos da URSS desde a morte de Lenin, citando o crescimento em energia elétrica, a produção agrícola, indústria etc.
Enrich Maria Remarque	Nada de novo no front	Primeira Guerra Mundial.	Um grupo de estudantes alemães é convencido por um professor excessivamente nacionalista a se alistar no Exército durante a Primeira Guerra Mundial. Ao testemunharem morte e mutilações, o heroísmo dá lugar aos horrores e às tragédias da guerra.
Thomas Mann	A Montanha Mágica	Relações Sociais.	Neste clássico da literatura alemã, Mann renova a tradição do <i>Bildungsroman</i> - o romance de formação - a partir da trajetória do jovem engenheiro Hans Castorp. Durante uma inesperada estadia em um sanatório para tuberculosos, Hans relaciona-se com uma miríade de personagens enfermos que encarnam os conflitos espirituais e ideológicos que antecedem a Primeira Guerra Mundial.

Voltaire	O Fanatismo	Fanatismo religioso.	Estudo do fanatismo religioso e da manipulação, baseado em episódios da biografia de Maomé no qual ele ordena o assassinato dos seus críticos. Voltaire descreve a peça como tendo sido escrita em oposição ao fundador de um culto falso e bárbaro. Com esta sua peça, Voltaire “tentou mostrar os horríveis excessos que o fanatismo inspirado em um impostor pode provocar nas mentes fracas.”.
----------	-------------	----------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Henrich Mann	O Súdito Professor Unrat	Comportamento social. Sistema educacional na Alemanha Imperial.	<p>“O Súdito” acompanha, desde a infância, a vida de Diederich Hessling, um pequeno industrial e fanático admirador do imperador alemão Guilherme II. A partir desse tipo humano, Heinrich Mann constrói um acurado panorama social e político da Alemanha no final do século XIX, sem perder qualquer oportunidade de criticar o militarismo, o chauvinismo, o autoritarismo, a rigidez de costumes, e o autoengano dessa sociedade que caminhava, ainda sem saber, para a guerra.</p> <p><i>Professor Unrat</i> que significa literalmente “Professor Lixo”, é uma das mais importantes obras de Henrich Mann e se tornou famosa através das adaptações cinematográficas, mais notadamente <i>O Anjo Azul</i> com Marlene Dietrich. O livro caricaturiza o sistema educacional das classes média e alta na Alemanha no tempo do último imperador da Alemanha, Guilherme II.</p>
--------------	---------------------------------	------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Jean-Jacques Rousseau	O Contrato Social	Estudo sociológico.	Nesta obra, Rousseau expõe a sua noção de contrato social, que difere muito das de Hobbes e Locke: para Rousseau, o homem é naturalmente bom, sendo a sociedade, instituição regida pela política, a culpada pela "degeneração" dele. O contrato social para Rousseau é um acordo entre indivíduos para se criar uma sociedade, e só então um Estado, isto é, o contrato é um pacto de associação, não de submissão.
Winston Churchill	Meus primeiros anos	Autobiografia.	Este livro é mais do que uma história de aventuras. É também um relato elegíaco do período que antecedeu a Primeira Guerra Mundial e um retrato aprofundado sobre uma das mais brilhantes personalidades do século XX, através das palavras do próprio. Aqui se encontram as raízes de uma incansável energia e ambição nascida de pais ausentes e escolaridade deficiente.

Fonte: a autora (2021).

A presente pesquisa contou com uma abordagem de cunho exploratório a partir de bibliografia que diz respeito ao tema, por meio de artigos e literatura para tornar possível a explicação, contextualização e conceituação da temática proposta.

Além disso, foi possível obter dos livros de Báez e Manning as informações dos nomes de autores que durante a Segunda Guerra Mundial tiveram suas obras literárias proibidas pelo regime nazista. A partir disso foi possível traçar uma tipologia destes livros com o objetivo de mostrar e refletir sobre as temáticas abordadas neles e verificar o motivo de sua perseguição.

Foi desta maneira que foram atendidos os objetivos específicos da pesquisa, evidenciando que os livros tiveram um papel fundamental para os embates ideológicos que conformaram a grande guerra. E a tipologia dos livros, autores e temas que mais sofreram as ações destrutivas do regime foram reunidas na tabela acima.

O referencial teórico teve a finalidade de buscar embasamentos para entender e conceituar o que foi a Segunda Guerra Mundial, o que é Ideologia, Nazismo, entender o que é memória e como ela está diretamente relacionada com o Livro, consequentemente explicando a intenção de aniquilar estas obras por meio da sua destruição e censura.

Começando por uma contextualização histórica, a intenção foi apresentar como deu-se início à Segunda Guerra Mundial e os acontecimentos que contribuíram para a ascensão do regime nazista na Alemanha no século XX. O sentimento de revolta da população causado pela crise após a derrota da Primeira Guerra foi utilizado por Hitler para disseminar seu discurso nacionalista e inserir-se no poder, tornando-se Führer e iniciando uma ditadura.

Prosseguiu demonstrando o conceito de Ideologia para explicar a forma a qual ela está inserida na sociedade, quais são os seus papéis e como que ela pôde dar espaço para o que conhecemos como nazismo fosse disseminado.

Deu-se continuidade apresentando as características da Ideologia nazista e o quanto que elas são perigosas, tanto para indivíduos de determinados grupos quanto para os livros e o conhecimento.

A partir disso, foram abordados os conceitos de memória social e coletiva entendendo que o livro é um produtor de memórias que são compartilhadas socialmente, desta forma foi possível identificar o objetivo por trás da destruição da memória, que é esquecer-la ou mesmo transformá-la, memória esta que promove a identificação de um determinado grupo social, tornando-o fraco e vulnerável a mudanças. A destruição da memória foi uma maneira encontrada pelos nazistas de impor seus ideais que eram considerados superiores.

Este vínculo entre memória e livro foi também identificado posteriormente no tópico “Livro”, onde ele foi caracterizado pela sua simbologia, pelo que ele representa. Ao destruir livros, o objetivo na verdade é aniquilar uma ideia, um conhecimento. Desta forma foi possível entender que eles eram destruídos justamente por serem considerados perigosos, por carregarem um grande valor e poder do saber, que torna os indivíduos mais fortes e críticos, menos submissos a uma doutrina.

Nesse contexto, a questão da censura e queima de livros não poderiam ser deixadas de lado. Foram elas maneiras encontradas pelos nazistas para doutrinar uma população fazendo com que pensem a partir de seus referenciais e aderissem à sua ideologia. Livros considerados

por eles perigosos eram queimados em praça pública. O fogo era uma forma simbólica de purificação, de dar lugar a uma “nova era”, em que o conteúdo dos livros na época considerado “não alemão” deveria ser esquecido. A visão de livros queimando no fogo não é difícil de ser associada à de autores e leitores ardendo no inferno.

Sendo assim, a justificativa proposta pelo trabalho foi que, no campo da Biblioteconomia, devemos saber da história do livro e das bibliotecas para obter uma visão crítica do que aconteceu e vem acontecendo com eles, deve-se preservar e mostrar o seu poder, e para isso é importante ressaltar o papel do conhecimento passado de geração para geração e entender o fenômeno de sua destruição.

Para compreender esta ideia, foi desenvolvida uma tabela com as tipologias dos livros alvo de censura pelo regime nazista. Antes de analisá-la, devem ser lembrados alguns dos ideais nazistas trabalhados ao longo da pesquisa, são eles racismo, totalitarismo, nacionalismo, anticomunismo, antiliberalismo, antisemitismo.

O Nazismo é um regime que se baseia na ideologia fascista, mas adaptado às ideias do Hitler na Alemanha, com a “raça” germânica sendo superior. Durante a grande queima no dia 10 de maio de 1933, algumas das palavras de Joseph Goebbels contra as ideias presentes nos livros queimados foram:

A época extremista do intelectualismo judeu chegou ao fim e a revolução da Alemanha abriu as portas novamente a um modo de vida que permita chegar à verdadeira essência do ser alemão. Esta revolução não começa por cima, mas por baixo, e vai em crescendo. E é, por essa razão, no melhor sentido da palavra, a expressão genuína da vontade do Povo [...]. Durante os últimos 14 anos vocês, estudantes, sofreram em silêncio vergonhoso a humilhação da República de Novembro, e suas bibliotecas foram inundadas pelo lixo e pela corrupção do asfalto literário dos judeus. Enquanto as ciências da cultura estavam isoladas da vida real, a juventude alemã restabeleceu as novas condições em nosso sistema legal e devolveu a normalidade à nossa vida [...]. As revoluções genuínas não se detêm diante de nada. Nenhuma área deve permanecer intocável [...]. Portanto, vocês agem corretamente quando, a esta hora da meia-noite, entregam às chamas o espírito diabólico do passado [...]. O passado perece nas chamas, os novos tempos renascem dessas chamas que queimam em nossos corações [...] (BÁEZ, 2006, p. 180).

Como forma de estabelecer uma relação com a tabela à luz do conhecimento do referencial teórico, serão analisados aqui os motivos explicados pelo próprio Goebbels da queima dos livros de seus respectivos autores em seu discurso da grande queima de 10 de maio de 1933 presente no livro de Báez (2006). As falas serão organizadas em tópicos para facilitar a leitura dos trechos:

- Livros de Marx e Kautsky: “Contra a classe materialista e utilitária. Por uma comunidade do Povo e uma forma ideal de vida”;
- Heinrich Mann, Ernst Glaeser e Kaestner: “Contra a decadência em si e a decadência moral”;
- F. W. Foerster: “Contra o pensamento sem princípios e a política desleal. Pela dedicação ao Povo e ao Estado”;
- Escola de Freud: “Contra o esfacelamento da alma e o excesso de ênfase nos instintos sexuais. Pela nobreza da alma humana”;
- Emil Ludwig, Werner Hegemann: “Contra a distorção de nossa história e a diminuição das grandes figuras históricas. Pelo respeito ao nosso passado “;
- Theodor Wolff, Georg Bernhard: “Contra os jornalistas judeus democratas, inimigos do Povo. Por uma cooperação responsável para reconstruir a nação”;
- Erich Maria Remarque: “Contra a deslealdade literária perpetrada contra os soldados da Guerra Mundial. Pela educação da nação no espírito do poder militar”;
- Alfrf D. Kerr: “Contra a arrogância que arruína o idioma alemão. Pela conservação do mais precioso direito do Povo”;
- Tuchoesky, Ossietzky: “Contra a impudícia e a presunção. Pelo respeito e a reverência devida à eterna mentalidade alemã”.

Esses são alguns exemplos que caracterizam os ideais nacionais-socialistas. Mas porque estas temáticas eram tão perseguidas e tão odiadas por eles? Esta premissa é corroborada por Costa e Germano (2012) ao sustentarem que as ideias presentes em obras literárias podem contribuir para um outro pensamento do leitor de maneira que ele começa a desenvolver opiniões, senso crítico, reavivar a memória, promover ações sociais e coletivas, fazer política e até mesmo contestar os interesses dominantes.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando se iniciou o trabalho de pesquisa, constatou-se que no campo da Biblioteconomia, devemos saber da história de um de nossos principais objetos de trabalho e ter uma visão crítica do que vem acontecendo e do que aconteceu com ele, devemos preservar e mostrar o poder do livro na sociedade, reconhecer a sua importância e a do papel do conhecimento passado de geração a geração de maneira que possamos entender a o fenômeno da destruição de livros.

Diante disso, a pesquisa teve como objetivo geral refletir sobre a política implementada pelo regime nazista para censura, destruição de livros e perseguição aos autores, isto é, o controle ao acesso, a deliberada e reiterada ação de destruição de livros ao longo da história. Por meio do referencial teórico, foram trazidas reflexões e contextualizações históricas que mostram que o regime nazista procurava estabelecer um pensamento hegemônico baseado em um ideal, com esta finalidade, os nazistas trabalharam na eliminação e censura do que era considerado contraditório aos ideais nacionalistas, totalitários, racistas, antissemitas, bélicos, anticomunistas, antiliberalistas, e de antiparlamentarismo. Um dos principais meios de cumprir com seus objetivos era queimando livros em praça pública para demonstrar autoridade e poder, isto é, garantir sua soberania, pois o ato de queimar representa purificação, transformação, o fogo, elemento temido teve um grande papel da história desde a antiguidade.

O objetivo específico inicial foi evidenciar que os livros foram peça fundamental para os embates ideológicos que conformaram a grande guerra, este foi atendido ao descrever o papel do livro dentro da sociedade mostrando a sua importância como vínculo de memória e patrimônio cultural. Foi mostrado que a memória gera identificação social, esta identificação valoriza e fortalece os ideais de uma sociedade.

O livro não é apenas um objeto, é uma forma de empoderamento da sociedade através do conhecimento, este que faz com que, por exemplo, as pessoas conheçam a história de sua cultura, tomem conhecimento de seus direitos e de suas liberdades. Portanto, pode-se dizer que conhecimento é liberdade. Outro papel importante que a figura do livro teve durante a Segunda Guerra Mundial para além da censura, foi dentro da propaganda nazista, onde Hitler dentro de um “simples objeto” representou todos os seus ideais e doutrina dentro de sua obra *Mein Kampf*, houve um esforço em torná-la uma obra “divina” e superior a qual todos deveriam ter conhecimento.

O segundo objetivo era traçar uma tipologia dos livros, autores e temas que mais sofreram as ações destrutivas do regime. Foram retirados dos livros de Fernando Báez e M. G.

Manning uma fração de nomes de autores que tiveram suas obras perseguidas durante o a ditadura nazista. Com estas informações, realizei uma pesquisa de alguns dos mais famosos livros de alguns desses autores e mencionei seus respectivos temas abordados por meio de breves resumos.

O problema de pesquisa era se existe alguma perspectiva ideológica do nazismo que possa explicar as características específicas das obras que foram destruídas e entender quais são elas, perceber se há uma classificação, uma tipologia dessas obras. Tendo como base a coleta de dados realizadas e demonstradas na tabela do tópico coleta de dados, pôde-se perceber que obras de cunho socialista, crítica à religião, ao nacionalismo e ao militarismo, autoritarismo, rigidez de costumes, educação, valores humanos, racionalismo, sexualidade, materialismo, igualitarismo, parlamentarismo, pacifismo ou tolerância, também obras realizadas por autores judeus e que fazem parte da cultura judaica eram alvo de perseguição e destruição, todas elas vão contra os valores defendidos pelo Nazismo: supressão das liberdades individuais, perseguições de indivíduos por uma ditadura, antissemitismo, imposição de uma “nova era”, libertação da Alemanha das ideias hostis aos progresso, necessidade de uma “pureza racial ariana”.

Esta pesquisa, de caráter exploratório, se ancorou metodologicamente em análise bibliográfica sobre algumas obras as quais umas foram censuradas e outras destruídas pelo nazismo.

Diante da metodologia proposta, percebe-se que o trabalho poderia ter sido mais amplo na bibliografia para analisar quais foram exatamente os títulos de obras que mais foram perseguidos, censurados ou queimados, na bibliografia não foram encontradas as informações dos títulos dos livros perseguidos, apenas os autores. Poderia também ter uma lista maior de títulos/autores e temáticas dentro da tabela que pudessem de fato terem sido lidos e analisados por mim. Além disso, poderiam ter sido mencionados demais acontecimentos históricos marcados por queima de acervos por demais regimes autoritários em diferentes regiões do mundo e épocas, afinal, tal fenômeno não ficou para trás, até os dias atuais eles ainda podem ser identificados, mesmo que de formas mais sutis.

No tocante às recomendações de continuidade de pesquisa, é interessante fazer um recolhimento de todos os títulos alvo de repressão durante regimes ditatoriais, não somente o nazista e montar uma biblioteca ou um repositório digital que possa disponibilizar de maneira livre estas obras, com o objetivo de ressignificar a história, isto é, no que no passado foi reprimido, censurado, destruído, nos dias atuais possa ser compartilhado e disseminado para

toda população, com a intenção de demonstrar a importância da leitura e do conhecimento para a sociedade e democratizar a sua memória.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado. *In*: ZIZEK, Slavoj (Org.). **Um mapa da ideologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2007.

BÁEZ, Fernando. **História universal da destruição dos livros**: das tábuas sumérias à guerra do Iraque. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

BRASIL, Paula. **O bibliocausto nazista**: a destruição de livros judaicos durante o terceiro Reich. Trabalho de conclusão de curso. 2016. 80f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Curso de Biblioteconomia, Porto Alegre, BR, 2016.

CAETANO, Tiago Lemanczuk Fraga. Meikampf e o ideário nazista. **Consilium Revista Eletrônica de Direito**, Brasília, v. 1, n. 4, maio/ago. 2010. Disponível em: www.unieuro.edu.br/sitenovo/revistas/downloads/consilium_04_01.pdf. Acesso em: 31 jan. 2016.

CENSURA. *In*: ENCICLOPÉDIA ilustrada do conhecimento essencial. Rio de Janeiro: Readers Digest, 1998.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro**: do leitor ao navegador. São Paulo: Unesp, 1999.

CHAUÍ, Marilena. **O que é Ideologia**. São Paulo: Brasiliense, 2001.

CHAUÍ, Marilena. **Conformismo e resistência**: aspectos da cultura popular no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1994.

COSTA, Lúcia de Fátima Vieira; GERMANO, José Willington. Conhecimento proibido: a interdição da leitura em regimes políticos. **Revista Inter-legere**, Natal, n. 11, p. 147-158, jul./dez. 2012.

EIBS, Ana Paula da Silva. **Censura em tempos de guerra**: um estudo sobre a destruição dos livros e as bibliotecas de Hitler. Trabalho de conclusão de curso. 2018. 80f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Curso de Biblioteconomia, Porto Alegre, 2018.

GUSTIN, Miracy Barbosa de Souza. **(Re)pensando a pesquisa jurídica**: teoria e prática. 2 ed. Belo Horizonte: Del Rey, 2006.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2016.

HITLER, Adolf. **Minha luta**. São Paulo: Editora Moraes, 1983.

HOBBSAWN, Eric. **Era dos extremos: o breve século XX 1914-1991**. 2. ed. São Paulo: Companhia das letras, 1995.

KELLER, Helen. **Helen Keller Warns Germany's Students: Says Burning of Books Cannot Kill Ideas**. New York: The New York Times, 1933. Disponível em: <https://www.nytimes.com/1933/05/10/archives/helen-keller-warns-germanys-students-says-burning-of-books-cannot.html>. Acesso em: 28 maio 2021.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MANNING, Molly Guptill. **Quando os livros foram à guerra: As histórias que ajudaram os aliados...** Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2015.

NOVINSKY, Anita. Os regimes totalitários e a censura. *In*: CARNEIRO, Maria Tucci (Org.). **Minorias silenciadas**. São Paulo: Imprensa Oficial, 2002.

OLIVEIRA, Antônio José Barbosa de. Multiplicidade de sentidos para a construção de um conceito de Memória Social. *In*: PINTO, Diana de Souza; FARIAS, Francisco Ramos de. **Novos apontamentos em Memória Social**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012.

OLIVEIRA, Alessandra Nunes de; SILVA, Luiz Eduardo Ferreira; CASTRO, Jetur Lima de. Narrativas da censura informacional registrada sob a ótica historiográfica: apreciações a partir da influência do Terceiro Reich Alemão. **Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação**, n. 1, v. 11, p. 333-363, 2018. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/76524>. Acesso em: 28 maio 2021.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2278>. Acesso em: 28 maio 2021.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941>. Acesso em: 28 maio 2021.

SILVA, Elizabete Bianca Tinoco. Mecanismos de defesa do ego. [S. l.]: Portal dos Psicólogos, 2010. Disponível em: www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0212.pdf. Acesso em: 28 maio 2016.

VERGUEIRO, Waldomiro de Castro Santos. Censura e seleção de materiais em bibliotecas: o despreparo dos bibliotecários brasileiros. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 16, n. 1, p. 21-26, jan./jun. 1987. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/266>. Acesso em: 28 maio 2021.

UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM. **Adolf Hitler salutes the ranks of German youth from his car during a Reichsparteitag (Reich Party Day) parade**. Washington, D.C: National Archives and Records Administration, 2013. Disponível em: <https://collections.ushmm.org/search/catalog/pa31275>. Acesso em: 28 maio 2021.

UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM. **The public burning of "un-German" books by members of the SA and university students on the Opernplatz in**

Berlin. Washington, D.C: National Archives and Records Administration, 2011. Disponível em: <https://collections.ushmm.org/search/catalog/pa4530>. Acesso em: 28 maio 2021.

UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM. **Germans crowd around a truck filled with "un-German" books, confiscated from the library of the Institute for Sexual Science, for burning by the Nazis.** Washington, D.C: National Archives and Records Administration, 2017. Disponível em: <https://collections.ushmm.org/search/catalog/pa1056478>. Acesso em: 28 maio 2021.

UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM. **Reich Minister for Public Enlightenment and Propaganda, Joseph Goebbels, delivering a speech during the book burning on the Opernplatz.** Washington, D.C: National Archives and Records Administration, 2014. Disponível em: <https://collections.ushmm.org/search/catalog/pa14119>. Acesso em: 28 maio 2021.

UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM. **Denazification.** Washington, D.C: National Archives and Records Administration, 2015. Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/en/photo/denazification>. Acesso em: 28 maio 2021.

UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM. **A member of the SA throws confiscated books into the bonfire during the public burning of "un-German" books on the Opernplatz in Berlin.** Washington, D.C: National Archives and Records Administration, 2014. Disponível em: <https://collections.ushmm.org/search/catalog/pa26364>. Acesso em: 28 maio 2021.

